

**A arte na clínica: uma reflexão sobre a ação do profissional que trabalha com
arteterapia.**

Gabriela Marquezi Borges¹

Karolyne Ribeiro da Cunha²

Leonardo Giacomelli³

Mauro Sérgio da Rocha⁴

Umuarama, Novembro de 2021.

¹ Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR. Umuarama - PR, Brasil. E-mail: gabriela.borges@edu.unipar.br.

² Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR. Umuarama - PR, Brasil. E-mail: karolyne.cunha@edu.unipar.br.

³ Acadêmico do curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR. Umuarama - Pr, Brasil. e-mail: l.giacomelli@edu.unpar.br

⁴ Docente do curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR. Umuarama - PR, Brasil. Especialista em Psicologia Clínica Junguiana - E-mail: rochapsic@prof.unipar.br.

A arte na clínica: uma reflexão sobre a ação do profissional que trabalha com arteterapia.

RESUMO

O presente artigo tece uma reflexão sobre o uso prático da arteterapia no processo psicoterapêutico. Explana sobre como a clínica é compreendida na perspectiva da psicologia analítica em sua relação com a arte. A partir de uma pesquisa bibliográfica, que se apropria de conteúdos literários da psicologia junguiana, analisa a postura profissional e a interferência deste dentro do processo psicoterapêutico. Neste sentido, constrói um caminho que leva a considerar a prática profissional como algo que necessita de consciência e clareza sobre o processo. Embasado nesta perspectiva, leva à pensar nas influências inconscientes que podem prejudicar o processo de individuação do sujeito atendido. Chamando a atenção para tais fatos, intenciona elucidar o papel do psicólogo como auxiliador do processo do sujeito e não da exacerbação/intensificação de características positivas do profissional.

Palavras - chave: arteterapia; transferência e contratransferência; individuação.

Art in the clinic: a reflection on the professional's action who work with art therapy.

ABSTRACT

This article reflects on the practical use of art therapy in the psychotherapeutic process. It explains how the clinic is comprehend from the perspective of analytical psychology and its relationship with art. From a bibliographical research, which appropriates literary contents of Jungian psychology, it analyzes the professional attitude and its interference inside the psychotherapeutic process. In this sense, it builds a way that leads to consider the professional practice as something that needs awareness and clarity about the process. Based on this perspective, it leads to thinking about the unconscious influence that can harm the subject's individuation process. Drawing the attention to these facts, it intends to elucidate the psychologist's role as a helper in the subject's process and not in exacerbation/intensification of professional's positive characteristics.

Key words: art therapy; transference and countertransference; individuation.

Arte en la clínica: una reflexión sobre la acción del profesional que trabaja con la arteterapia.

RESUMEN

Este artículo reflexiona sobre el uso práctico de la arteterapia en el proceso psicoterapéutico. Explica cómo se entiende la clínica desde la perspectiva de la psicología analítica en su relación con el arte. A partir de una investigación bibliográfica, que se apropia de los contenidos literarios de la psicología junguiana, analiza la actitud profesional y su interferencia en el proceso psicoterapéutico. En este sentido, construye un camino que lleva a considerar la práctica profesional como algo que necesita conciencia y claridad sobre el proceso. Basado en esta perspectiva, lleva a pensar en las influencias inconscientes que pueden dañar el proceso de individuación del individuo. Llamando la atención sobre tales hechos, se pretende dilucidar el papel del psicólogo como ayudante en el proceso del sujeto y no en la exacerbación/intensificación de las características positivas del profesional.

Palabras clave: arteterapia; transferencia y contratransferencia; individuación.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo construir um pensamento crítico às formas de aplicação da arteterapia no âmbito psicoterapêutico, com ênfase na análise sintética e no profissional de psicologia. Contudo, se faz necessário salientar que as ferramentas arteterapêuticas podem ser utilizadas em outras áreas do conhecimento, como outros ramos da saúde e educação.

A arteterapia é uma abordagem terapêutica que se baseia na ideia de que todo indivíduo pode criar novos sentidos para suas experiências através da materialidade dos objetos, além de possuir a capacidade inata de expressar-se mediante imagens visuais, auditivas, táteis, poéticas e entre outras. Diz respeito a uma ferramenta do fazer terapêutico, com recursos técnicos e vivenciais que fomentam diferentes possibilidades de expressão no decorrer do processo. Faz-se isso, para que o cliente consiga estabelecer uma ponte entre seu mundo interno e externo (Oliveira, 2018).

Entretanto, durante o processo terapêutico, com o uso da arteterapia, é possível que o cliente se depare com um profissional charlatão que tem como características principais a

busca constante por reconhecimento, prestígio e dinheiro (Craig, 2015). Desta maneira, este estudo foi pautado na análise, discussão e corroboração de diversos autores e autoras que estudaram e/ou trabalharam em processos arteterapêuticos. O referencial bibliográfico utilizado engloba diversos aspectos diferentes como o processo psicoterapêutico, a arteterapia em si e essa prática pelo olhar da psicologia analítica. A intenção é se pautar em alguns exemplos e construir um pensamento crítico a partir desses aspectos.

Por conseguinte, esse estudo se faz necessário pois tem como finalidade auxiliar no entendimento do processo terapêutico acompanhado por um profissional impostor e no reconhecimento do mesmo. Essa relação se fez a partir de uma pesquisa bibliográfica, na literatura e sites, que contribuíram para esclarecer as inquietações aqui apresentadas.

Para execução do mesmo, percorre-se um caminho em que é verificado primeiramente o que pode representar o espaço da clínica. Após isso, há uma discussão sobre a relação entre a arte e a psicologia analítica. A fim de compreender a utilização da arte dentro do processo psicoterapêutico. Por fim, a arteterapia de forma específica e a crítica aos profissionais que não se colocam conscientemente no processo de auxílio ao cliente. Através disso, é percebido o quanto o profissional deve se atentar para seu papel junto ao outro, considerando os aspectos inconscientes envolvidos no processo.

A ARTE DA CLÍNICA

De acordo com Cunha (2010), a clínica seria um lugar reservado para a prática da medicina. Com Fierz (1997), afirma-se que o método da psicoterapia é clínico, pois assim como a prática médica envolve trabalhar com aspectos da saúde do sujeito, tanto mental quanto física, e visa estabelecer diagnóstico que elabora um histórico da doença. Ambos comentam que é levado em consideração a história de vida do indivíduo, trabalhando com informações sobre o sofrimento e observações dos sintomas do paciente. Sendo assim, o objetivo da psicoterapia é identificar a forma específica da doença mental apresentada e tratá-la ou preveni-la.

Considerando tal informação, faz-se necessário esclarecer qual o conceito de ser humano pautado pela psicologia analítica, pois nele se encontra o instrumento de trabalho da psicoterapia. Segundo Kast (2017) o ser humano é visto dentro de um vasto nexos de sentido e transformação criativa. Para a autora, a falta de mudança é opressiva, fazendo com que o

humano esteja em constante transformação e afetação. Compreende-se, ainda, que o indivíduo ao nascer já apresenta conteúdos que transformam-se e afetam-se ao longo da vida. Neste processo, molda e recria sua psique, se apropriando de conteúdos materiais que expressam sua estruturação psíquica, seja em psicoterapia ou outra prática reflexiva. Especificamente no processo psicoterapêutico, é necessário compreender aquilo que oprime e o que precisa ser transformado e, assim, buscar ferramentas necessárias para auxiliar o sujeito em seu processo. Neste, várias ferramentas são passíveis de utilização, inclusive a arteterapia e suas diversas formas de aplicação.

Jung (2021) fala do processo psicoterapêutico como um procedimento dialético, ou seja, um diálogo ou discussão entre pessoas. Também expõe que cada pessoa é um sistema psíquico atuante sobre o outro, em interação. É na interação entre esses sistemas que reside a base da psicoterapia. Segundo ele, o sujeito geralmente busca a terapia porque está passando por alguma problemática, um sofrimento, algum desequilíbrio na sua psique, e que através da psicoterapia trabalha-se o autoconhecimento. Ao aprender a relacionar-se consigo mesmo, o indivíduo reflete a nova forma de relação com outras pessoas e com o mundo.

No atendimento psicoterapêutico analítico, busca-se trabalhar com o indivíduo no intuito de que este passe a se ouvir em primeiro lugar. Isto significa que o processo se dedica a fazer com que o sujeito compreenda seus múltiplos aspectos. E ao psicoterapeuta cabe dar voz a esse lado que quer se expressar e colaborar para que o cliente entre em contato consigo mesmo. Geralmente são questões que a pessoa deixou de lado ao longo da vida, ou simplesmente optou por ignorar (Jung, 2021).

Portanto, dentro do processo analítico o objetivo não é dar respostas, mas sim ouvir o que o sujeito tem a dizer, analisar o caso e trabalhar com ele de forma ética, visando a saúde mental do indivíduo. O psicoterapeuta também colabora para que essa pessoa entenda a importância de se acolher com afeto e, a partir disso, integrar suas potencialidades e defeitos.

No processo de promover o encontro do indivíduo com os próprios conteúdos, pode-se utilizar de meios artísticos e lúdicos. Com isso, na intenção de compreender melhor essas práticas, faz-se necessário explicar sobre a relação entre psicologia analítica e a arteterapia como ferramenta psicoterapêutica.

ARTETERAPIA E A PSICOLOGIA ANALÍTICA

Dentro da psicologia analítica a arte é compreendida como forma de expressão de conteúdos psíquicos. Neste sentido, relaciona as vivências do sujeito através da associação de imagens e seu material cotidiano.

Pode-se considerar, com base nos autores, que a arte transcreve as imagens da psique do sujeito, pois toda a psique é formada por imagens que se conectam em uma linguagem artística, que permite ao indivíduo expressar-se (Barcelos, 2012). Essa forma de linguagem é demonstrada de diversas maneiras, seja pela música, pintura, desenho, teatro, artes plásticas, dança, escultura, ou o que esteja disponível e esteja de comum acordo entre psicoterapeuta e cliente (Philippini, 2013). A partir do material escolhido para ser trabalhado em terapia, o sujeito começa a ter mais intimidade com sua escolha e, a partir disso, transforma o material naquilo que está sentindo.

Por conseguinte, considera-se o processo criativo inerente ao ser humano, pois, segundo Jung (2013, p.48) “o anseio criativo vive e cresce dentro do homem como uma árvore no solo do qual extrai seu alimento”. Ou seja, as fontes da capacidade de criação do ser humano estão diretamente ligadas ao inconsciente coletivo, fonte do surgimento do novo. Por sua vez, isto permite ao sujeito ligar-se com os anseios criativos herdados da humanidade (Perrone, 2013). Ao entender o processo criativo como intrínseco ao sujeito, a psicologia analítica o compreende o um conteúdo autônomo que germina e influencia o sujeito (Jung, 2013).

Pode-se dizer então, que a energia criativa cultivada pelo indivíduo, atua como energia transformadora e essa mesma energia pode impulsioná-lo para a mudança. Sendo assim, a arte traz o catalisador necessário para a externalização do conteúdo carregado de energia psíquica (Jung, 2013).

Ao trabalhar com a energia criativa no processo terapêutico, o estímulo adotado utilizando arte é denominado de arteterapia. Por sua vez, utiliza-se de técnicas expressivas como meio de acesso ao inconsciente e, segundo Ostrower (1977), essa ação possui um foco baseado na integração de três pontos: imaginação, produção e comunicação. A imaginação é a própria formação de imagens; a produção, o processo criativo por meio da arte; já a comunicação, diz respeito à inter-relação do sujeito com a obra criada. Esses pontos podem relacionar-se com o processo de transformação e individuação que culminam numa

diferenciação psicológica do indivíduo.

De modo geral, o indivíduo se forma e se diferencia a partir de suas vivências, não para tornar-se perfeito, mas sim, familiarizar-se com os próprios conteúdos. Conteúdos esses que criam um caminho que deve ser construído e descoberto no decorrer da vida e das relações de si mesmo e do meio (Philippini, 2013).

A partir disso, ao relacionar a análise sintética, arte e arteterapia, pode-se entender que essas movimentam aspectos da psique, tanto conscientes quanto inconscientes. Basicamente, a psicologia analítica, ao analisar as composições produzidas pelo sujeito em conjunto com a dinâmica psíquica apresentada, busca compreender como isso influencia na vida consciente do indivíduo.

Porém, é importante ressaltar que os conteúdos inconscientes como as fantasias, os sonhos, os sintomas, as defesas e resistências, possuem também uma função criativa que reflete nas tentativas do psiquismo de superar obstáculos, construindo significados e potencializando atitudes (Furth, 2004; Philippini, 2013).

Assim sendo, o uso da arteterapia dentro da psicologia analítica tem por finalidade auxiliar o indivíduo a compreender-se em relação ao mundo que o rodeia e suas relações. Com isso, torna-se possível uma ressignificação de experiências e relacionamentos que impulsionam o sujeito ao processo de individuação.

ARTETERAPIA

A arteterapia tem como finalidade auxiliar o sujeito no seu processo de individuação, possibilitando o desenvolvimento de suas potencialidades latentes e do autoconhecimento. Através dela o sujeito trabalha aqueles possíveis conteúdos que são barrados pelo inconsciente e realiza uma ampliação simbólica de elementos da psique (Philippini, 2013). Nesta ação, aparentemente simples, o sujeito se expressa mais livremente, entrando em contato com seus conteúdos de forma menos impactante. Assim, a arteterapia pode ajudar o sujeito a integrar, relacionar, e a desenvolver seu potencial na sua autoconfiança, superando seus conflitos através de um contato com seus conteúdos interiores, com a liberdade sem os pré-conceitos que a arte oferece.

Espera-se com isso que o sujeito se torne unificado, um indivíduo, pois torna-se capaz de ampliar seus horizontes entrando em conexão com o Self. A partir da análise dos conteúdos

expressos em arteterapia, o sujeito apresenta a potencialidade de ultrapassar as expectativas dos signos em relação aos símbolos. Neste sentido, o sujeito compreende de forma mais ampla o conflito e as possibilidades e significâncias dos conteúdos através das suas produções (Duchastel, 2010).

Dentro dessa perspectiva arteterapêutica, existem diversas maneiras de se trabalhar com dentro do âmbito clínico. Fazendo uso da criatividade do sujeito, a transformação de materiais recicláveis, dança, musicalização, escultura e modelagem, se tornam ferramentas do processo. É possível trabalhar nessas formas porque ajudam na compreensão da psique do sujeito. Através dessas práticas, o corpo, as emoções, as expressões, as fantasias e desejos, ajudam o sujeito a modelar sua fala, a representar seu interior e compreender a si (Philippini, 2013).

ARTETERAPIA E APLICABILIDADE

O psicoterapeuta, junto ao cliente, encontra dificuldades a serem trabalhadas e, a partir disso, a escolha do material a ser utilizado no processo de arteterapia é feita. Quando o material é escolhido, o cliente passa a ampliar a forma do material trabalhado no processo e esse material é colocado sob a perspectiva do sujeito, o que é percebido sobre a ampliação desse material (Philippini, 2013).

Uma das ferramentas utilizadas na arteterapia se vincula com a reciclagem, em que se reaproveita o material usado. Assim como o conteúdo psíquico é transformado, o material utilizado pode ser reciclado e a partir disso, transforma-o em algo novo. Através da reciclagem, o indivíduo reconstrói uma nova realidade, uma história mais adequada à sua realidade anterior. No processo de reciclagem, o objeto pode ser transformado de acordo com a psique do sujeito, pois não existem responsabilidades com o modo de formar o objeto em construção, a liberdade criativa do sujeito pode ser direcionada para qualquer perspectiva do próprio sujeito (Philippini, 2013).

O importante para a transformação é a matéria-prima, uma forma de continuamente ressignificar a história para o indivíduo. O processo de reciclagem pode ajudar o sujeito a perceber sua individuação, fazendo com que a energia psíquica possa se configurar através dos conflitos que são experimentados no processo. Assim, configura-se uma nova história para aquele objeto que está sendo transformado em terapia e, ao mesmo tempo, para o

conteúdo apresentado no processo (Philippini, 2013).

Outra técnica arteterapêutica está relacionada com a música, por conter uma influência direta nas emoções do sujeito. Esta possui padrões que tocam o ser de forma inconsciente e consciente (Philippini, 2013). A música toca conteúdos arquetípicos e complexos autônomos por representar aspectos humanos. Pode ser considerada uma aliada no processo de individuação por auxiliar o sujeito a desenvolver uma leitura e escuta do seu próprio ser, sem a necessidade de verbalizações. Nisso, também considera-se o instrumento utilizado em psicoterapia e seus sons (Philippini, 2013).

Também pode se considerar o trabalho com a argila, pois a argila é um material primitivo, carregado de referências arcaicas que podem promover uma integração, um diálogo, entre o indivíduo com o que está sendo criado ou transformado. É usada como forma de expressão a fim de liberar a criatividade do indivíduo, para que se possa ressignificar sentimentos ou sensações através do ato de tocar e manusear (Philippini, 2013). O psicoterapeuta, junto ao cliente, busca o entendimento simbólico do que foi projetado no barro e, assim, o sentimento que foi projetado sobre a transformação daquele material usado (Duchastel, 2010).

Não obstante, é importante citar o desenho como ferramenta arteterapêutica, pois este se enquadra em uma das ferramentas mais usadas e difundidas dentro do processo psicoterapêutico. Através dos desenhos, conteúdos psíquicos inconscientes importantes podem ser transmitidos. Algumas informações a respeito do sujeito que executa tal tarefa e pessoas a sua volta, se mostram através de complexos positivos e negativos que se manifestam em símbolos. De forma mais aprofundada, também é possível identificar, com base em pontos focais, como a energia psíquica do sujeito está distribuída. Ao analisar o desenho, psicoterapeuta e cliente, conseguem ter um panorama do aparelho psíquico do indivíduo e utilizá-lo junto ao processo terapêutico (Furth, 2011).

Isto posto, é legítimo compreender que os símbolos resultantes da produção em arteterapia, em suas diversas formas e múltiplos materiais, possibilitam conhecer, recuperar e rememorar uma linguagem metafórica do inconsciente. A arte apresenta-se como um instrumento de cura quando é permitido ao indivíduo reencontrar seus símbolos, reconstruir-se de uma nova forma e numa nova fonte de reflexão e autoconhecimento (Pereira e Firmino, 2010).

Em consequência disto é relevante citar que, para a utilização e aplicação de

arteterapia, é necessário que o psicoterapeuta, além de uma base teórica, tenha domínio na aplicação e análise do trabalho proposto. Em nada adianta apenas aplicar, é necessário saber utilizar as informações adquiridas e fazer uma conexão com os conteúdos trazidos pelo sujeito atendido. Logo, faz-se necessário tecer uma reflexão crítica sobre a prática dos profissionais que trabalham com arteterapia e as suas formas de aplicação que podem se provar desqualificadas frente às necessidades dos sujeitos atendidos.

SOBRE A INTENÇÃO DO PROFISSIONAL

Trabalhar com arteterapia não é algo simples, demanda estudo e prática. Pois, apesar de demonstrar ótimos frutos em suas aplicações, existem algumas precauções que se fazem necessárias principalmente no que diz respeito à execução, análise e resultados.

O psicólogo tem, por pressuposto, transitar dentro das crenças, mitos, vivências e os sentimentos que emergem e que são trabalhados dentro da terapia e na realidade do sujeito (Stein e Sanlant, 2005). Muitas vezes, o psicoterapeuta quando não tem consciência dos conteúdos trabalha-os em sessão projetando e atribuindo conteúdos dele no cliente. Quer se dizer que este profissional não oferece auxílio ao sujeito, mas sim a si próprio.

A transferência é uma função inconsciente que pode ser ativada por características da personalidade, e não está relacionada a processos da consciência (Craig, 2015). Com este olhar, percebe-se que, dentro do processo clínico, tanto psicoterapeuta como cliente acabam projetando conteúdos e reagindo a eles. O que muitas vezes pode fazer com que a opinião pessoal do psicoterapeuta interfira nos conteúdos trabalhados com o cliente.

Quando o psicoterapeuta não toma consciência de que está projetando seus conteúdos, acontece de estar enganando a si mesmo junto com seus pacientes (Craig, 2015). Por consequência, pode tornar-se um charlatão que ajuda a si mesmo e busca prestígio e dinheiro. Ocorre que este profissional tenta ajudar o doente usando meios não-ortodoxos ou não aprovados pela medicina (Craig, 2015).

O psicoterapeuta impostor procura formas de enganar o paciente com promessas de cura e autoconhecimento de forma rápida (Craig, 2015). E, muitas vezes, ocorre de o psicoterapeuta, dentro do processo clínico, trabalhar os próprios conteúdos em busca da satisfação (Salant e Stein, 2005). Então, ao invés de ajudar quem procura ajuda, o psicoterapeuta acaba tornando o processo seu, realizando as atividades apenas como meio de

satisfazer-se. Também pode acontecer dele estar consciente dessa inversão de papéis e abusar, conscientemente, da relação terapêutica justificando sua prática através de conteúdos teóricos que enaltecem sua posição.

O psicoterapeuta, ao usar seu poder dentro da psicoterapia, pode perceber-se charlatão e isso ocorre, por exemplo, quando o profissional induz o sujeito aos seus próprios conteúdos, trabalhando não o que o sujeito procura, mas o que o psicoterapeuta quer e necessita. O impostor, dentro desta perspectiva, é a sombra que sempre acompanha o profissional (Craig, 2015). Com relação aos processos arteterapêuticos, o psicoterapeuta, ao trabalhar alguns conteúdos, pode ser influenciado por eles, tanto pela forma de aplicação e materiais escolhidos, quanto por se reconhecer dentro daquele processo. Ou seja, o psicoterapeuta direciona o processo dentro de sua perspectiva e não leva em consideração a necessidade do cliente.

Relacionando o processo supracitado com o trabalho de reciclagem e sua condição transformadora, o psicoterapeuta pode se envolver não apenas como auxiliador mas como participante que usa da sessão para trabalhar sua realidade dentro da atividade proposta. A partir disso, existe uma responsabilidade com o modo de desenvolver e transformar o que está sendo trabalhado, pois, a transformação pode estar mais ligada ao psicoterapeuta do que ao cliente. Isso faz com que o sujeito perca sua liberdade criativa e se prenda na realidade do psicoterapeuta, que estará direcionando a intervenção arteterapêutica (Craig, 2015).

Além da reciclagem, também é possível que o psicoterapeuta monopolize o processo em outras intervenções arteterapêuticas. Quando a intervenção realizada através do uso da música é desenvolvida por um profissional que não se coloca conscientemente no processo, ocorre prejuízo no processo de individuação do sujeito. Seja porque o profissional toma o processo para si ou por este não se atentar para os conteúdos do cliente. Essa relação pode significar um ciclo vicioso em direção à própria sombra, uma permanência numa relação pouco satisfatória para o processo psicoterapêutico (Craig, 2015).

Ao trabalhar com argila é importante deixar que o processo ocorra instintivamente. Porém, alguns profissionais direcionam a forma com que esse material deve ser trabalhado e manipulado (Philippini, 2013). Segundo Craig (2015), em relacionamentos que envolvem poder, um tenta transformar o outro em objeto que sujeita o outro a seus interesses, passando a manipulá-lo. Há que se ter clareza que a relação psicoterapeuta-cliente é uma relação de poder, um detém maior conhecimento e, em decorrência disso, pode ser tido como um deus na

perspectiva daquele que é atendido (Craig, 2015). Ao manipular/direcionar a intervenção arteterapêutica com argila, ou qualquer outro elemento, o profissional pode estar abusando do poder em vista do lucro e benefício próprio - simbólico ou concreto.

Também quanto ao desenho, o psicoterapeuta ao fazer sua análise, deve se atentar ao que o desenho quer dizer e qual sua representação na totalidade do caso. Assim, o profissional não deve se prender apenas à sua referência. O ideal seria se colocar numa posição dentro do desenho, com um olhar sob a perspectiva do sujeito que o fez. Com isso o profissional pode se atentar às representações simbólicas trazidas pela atividade (Furth, 2004). Como o desenho é apresentado como uma linguagem não verbal, o psicoterapeuta que não compreende esse processo pode se prender dentro de uma perspectiva unilateral que considera apenas uma métrica sobre aquilo que o cliente desenhou. Seria um erro se prender na imagem concreta do desenho e, assim, não perceber a imagem através do olhar e relação com o cliente (Furth, 2004; Stein, 2006).

Tendo em vista o processo arteterapêutico aplicado pelo profissional inconsciente de seu papel, cabe explicar sobre os efeitos dessa técnica na psique do sujeito. Por vezes, o psicoterapeuta inconscientemente transfere conteúdos próprios no atendimento. A transferência/contratransferência, nesse contexto, culmina em o psicoterapeuta tornar-se cliente, pois o analista incapaz de exercer sua função analítica transfere seus conteúdos para outrem no intuito de trabalhá-los em psicoterapia (Salant e Stein, 2005). Ao agregar conteúdos próprios ao analisado, o psicoterapeuta é possuído por seu aspecto charlatão, sua sombra, e direciona o processo para usufruto. Pode acreditar ser talentoso e, assim, torna-se arrogante ao acreditar não ser sujeito a erros (Craig, 2015). Quando a sombra do analista o toma, o ego adquire uma certa autoridade frente ao meio. O assento do psicoterapeuta passa a ser banhado a ouro, digno de uma realeza egóica que, por vezes, exige certa subserviência de seu súdito ali presente - no caso, o analisado (Craig, 2015).

O psicoterapeuta ao tornar-se soberano perde o foco de conhecimento para com o sujeito e, assim, o ego aliado à sombra daquele que ao invés de ajudar, subjuga, exerce seu ar de superioridade e majestade (Caetano, 2021; Craig, 2015). O analista que compreender que sua sombra também se encontra ali influenciando seu olhar poluído, percebe que é a própria sombra que se encontra no controle e não o ego. Com isso pode ocorrer uma tomada de consciência que faz com que aquele trono majestoso perca seu brilho e quem até então era um rei, também se torna um súdito a serviço do processo (Craig, 2015).

É importante lembrar que o psicoterapeuta deve conscientizar-se de seus conteúdos para ampliar o olhar sobre a realidade (Jung, 2021). Com isso, conscientiza-se também do possível domínio de sua sombra. Nesta perspectiva, o profissional perceberá o quanto deve estabelecer contato e reconhecer seus conteúdos inconscientes (Craig, 2015). Considerando seu processo de individuação, quanto mais estiver em seu caminho, maior será a relação com o inconsciente. O que diminuirá as chances de ser tomado por esses conteúdos que buscam a dominação e afirmação sobre o outro. Quando o psicoterapeuta progride em seu processo de individuação, entra em contato conscientemente com seus conteúdos e, ao fazer esse movimento, expande a relação entre aspectos conscientes e inconscientes (Craig, 2015).

A sombra do analista pode conter não apenas o charlatão, mas também um oposto, aquilo que o analista contradita conscientemente. Sendo assim, o psicoterapeuta se defronta com a ideia de que o inconsciente pode ser uma ameaça maior a si do que ao cliente.

Entretanto, quando não há essa percepção, esses conteúdos tomados como negativos podem parecer estar sob domínio do ego. Isso, no processo psicoterapêutico e, conseqüentemente no trabalho arteterapêutico, pode fazer com que o cliente também não confronte seus conteúdos. Nesta relação, ambos podem desenvolver uma afinidade pelos conteúdos que antes deveriam ser confrontados. Esta afinidade não significa encontro, mas sim a evitação do processo de transformação e de consciência. Ambos passam a admirá-los e lisonjeá-los e aquilo que o afetava passa a ser considerado algo bom e digno. Com isso desmerece-se o conflito do cliente que precisa ser trabalhado, passando a se ver como algo de grande valor (Craig, 2015; Stein, 2005).

Dentro do setting terapêutico, as emoções de ambos, profissional e cliente, e as resultantes de sua interação são uma constante, uma relação dialética (Jung, 2021). Portanto, o psicoterapeuta deve ter em mente que no encontro terapêutico os indivíduos experienciam sensações gratificantes e também de incômodo, ansiedade, frustração e sentimentos negativos de ambos os lados (Castelhano, 2015). O psicoterapeuta ao colocar-se como dentro do processo psicoterapêutico pode transformar o lugar em espaço sagrado alquímico, espaço de encontro e interação de opostos ou negar-se ao encontro real com o sujeito atendido (Guglielmi, 2010).

O setting terapêutico é como um local sagrado onde o indivíduo entra em contato com o Si-mesmo e sua totalidade. Dentro desse espaço pode ocorrer um encontro com a matéria e o fazer artístico proporcionando expressão criativa do sujeito. Isto posto, esta relação ocorre

apenas em um local protegido, que proporcione uma relação real e dialética. Logo, esse espaço deve ser cuidado pela consciência atenta do psicoterapeuta, que deve ter ciência de suas potências e fragilidades (Goodheart, 2005).

O psicoterapeuta pode ver esse lugar como seu espaço/território sagrado, pois há todo um preparo antes do encontro com o cliente. Segundo Salant e Stein (2005), a ansiedade desse encargo representa o fato de que os opostos estão constelados e podem constituir uma relação aberrante. A forma aberrante acontece quando o paciente está inconscientemente sendo impelido pelo psicoterapeuta dentro do processo psicoterapêutico (Salant e Stein, 2005).

Deve se levar em consideração que o psicoterapeuta é um sujeito de fé em seu território, ao mesmo tempo que mediador e guardião do rito de passagem no processo criativo do sujeito (Guglielmi, 2010). Por fim, o psicoterapeuta ao reconhecer seu espaço como sagrado, leva em consideração que este é um espaço de unificação e expansão de possibilidades, tanto do analista quanto do analisado. Por se identificar com esse papel, o profissional pode fantasiar a relação ali existente, identificando-se com o Si-mesmo.

Sendo assim, deve-se entender que o psicoterapeuta pode estar ou não ciente de seus conteúdos, e a forma de ritualizar a sessão pode ser levada de acordo com seus conteúdos conscientes e/ou inconscientes. Por conseguinte, é interessante entender que o psicoterapeuta charlatão pode se tornar vítima de seu próprio charme.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em resumo, deve-se levar em consideração que o setting é um espaço de aprendizagem tanto para o analista como para o analisado, e que o profissional está sujeito a cometer erros no processo. A sessão psicoterapêutica tem como protagonista o cliente, ele direciona o caminho a ser percorrido. Sendo assim, o psicoterapeuta aprende junto com o cliente como lidar e trabalhar tais conteúdos, tudo no tempo do sujeito, pois cada processo é único.

Ao trabalhar com arteterapia, dentro do processo terapêutico, o analista deve ter conhecimento e domínio sobre as técnicas que serão utilizadas em sessão. Os conteúdos trabalhados com o auxílio da arteterapia fazem parte da psique do analisado e deve-se levar em consideração cada detalhe do conteúdo trabalhado, cada pintura, som produzido ou moldes feitos. Tudo é relevante para a compreensão da psique, o que o sujeito traz e a forma

com que se é trabalhado se fazem como retratos da vida.

Em conclusão, diante do exposto, se faz necessário reafirmar a necessidade de o profissional ter seu momento como analisado, aonde é livre para expressar e trabalhar seus conteúdos inconscientes. Isso, teoricamente, o impedirá de manter uma relação falseada ou fantasiosa com seus clientes. Ao entrar em contato com esses conteúdos, o profissional poderá aceitá-los e acolhê-los em si.

Por fim, considera-se necessário refletir sobre a formação e intenção dentro da psicoterapia que se utiliza da arte para que a mesma não seja banalizada, como apenas uma forma de distração de conteúdos relevantes na compreensão do processo psicoterapêutico.

REFERÊNCIAS

- Barcellos, G. (2012). **Psique e imagem: estudos de psicologia arquetípica**. (1ª ed). Petrópolis: Vozes.
- Cunha, A. G. (2010). **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. (4ª. ed., pp.156). Rio de Janeiro: Lexikon.
- Caetano, Aurea. A. M. (2018). **O erro na psicologia analítica: sombra ou luz?**. (v. 36-2, pp. 39-46) São Paulo: Junguiana . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252018000200003&lng=pt&nrm=iso>.
- Castelhano, Laura M. & Wahba, Liliana L. (2020). **As emoções do médico e as implicações para a prática clínica**. (v. 31, pp. 1-11). São Paulo: Psicologia USP. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pusp/a/Xd4HSKj8yXQCXvqbpt5v5vp/?lang=pt&format=pdf>>.
- Craig, A. G. (2015). **O abuso do poder na psicoterapia e na medicina, serviço social, sacerdócio e magistério**. (2ª. ed.). São Paulo: Paulus.
- Duchastel, A. (2010) **O caminho do imaginário: o processo de arteterapia**. (1ª. ed). São Paulo: Paulus.
- Fierz, H. K. (1997) **Psiquiatria Junguiana**. (Cap I; p.18-36). São Paulo: Paulus. Furth, G. M. (2004). **O mundo secreto dos desenhos: uma abordagem Junguiana da cura pela arte**. (1ª ed.). São Paulo: Paulus.
- Goodheart, W. B. (2005). **Êxito e fracasso de intervenções na análise junguiana: a construção/desconstrução do círculo fascinante**. In: Salant, Nathan & Stein, Murray. *Transferência Contratransferência*. (10ª. ed, p. 84-107). São Paulo: Cultrix. Guglielmi, Nash P.

- de L. C. (2010). **A sessão de arteterapia como um ritual sagrado**. Rio de Janeiro: ISEPE.
- Jung, C. G. (2021). **A prática da psicoterapia**. (16ª. ed.). Petrópolis: Vozes. Jung, C. G. (2013). **O espírito na arte e na ciência**. (8ª. ed. Cap VI; p. 42-54). Petrópolis: Vozes.
- Kast, V. (2017). **A dinâmica dos símbolos: Fundamentos da psicoterapia Junguiana**. Petrópolis: Vozes.
- Oliveira, S. R. (2018). **A arte da terapia**. Moema - SP: Sobrarte, Disponível em: <<https://sobrarte.com.br/a-arte-da-terapia/>>.
- Ostrower, F. (2014). **Criatividade e processo de imaginação**. (30ª. ed.). Petrópolis: Vozes.
- Pereira, S. B. & Firmino, R. G. (2010). **Arteterapia na saúde mental: uma reflexão sobre este novo paradigma**. Minas Gerais: Pergamum Univale. Disponível em: <<http://www.pergamum.univale.br/pergamum/tcc/Arteterapianasaudementalumareflexaosobreestenovoparadigma.pdf>>.
- PERRONE, M. P. M. S. B. (2013). **A imaginação criadora: Jung e Bachelard**. Filosófica biblioteca. [S.I.]. Disponível em: <<https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2013/11/perrone-a-imaginac3a7c3a3o-criado-ra-jung-e-bachelard.pdf>>.
- Philippini, A. (2013). **Arteterapia: métodos, projetos e processos**. (3ª. ed). Rio de Janeiro: Wak.
- Stein, M.(2006). **Jung: O mapa da alma: uma introdução**. (1ª. ed.). São Paulo: Cultrix.
- Stein, M. (Org.). (2005). **Transferência Contratransferência**. (10ª. ed.). São Paulo: Cultrix.